

ESTUDOS DO DISCURSO

**INTRODUÇÃO À LINGUÍSTICA I E II
“A ABORDAGEM DO TEXTO” E “ESTUDOS DO DISCURSO”**

AS ETAPAS NO PERCURSO GERATIVO



3) Nível discursivo

2) Nível narrativo

1) Nível fundamental (ou profundo)

O NÍVEL FUNDAMENTAL

Os termos do nível fundamental:

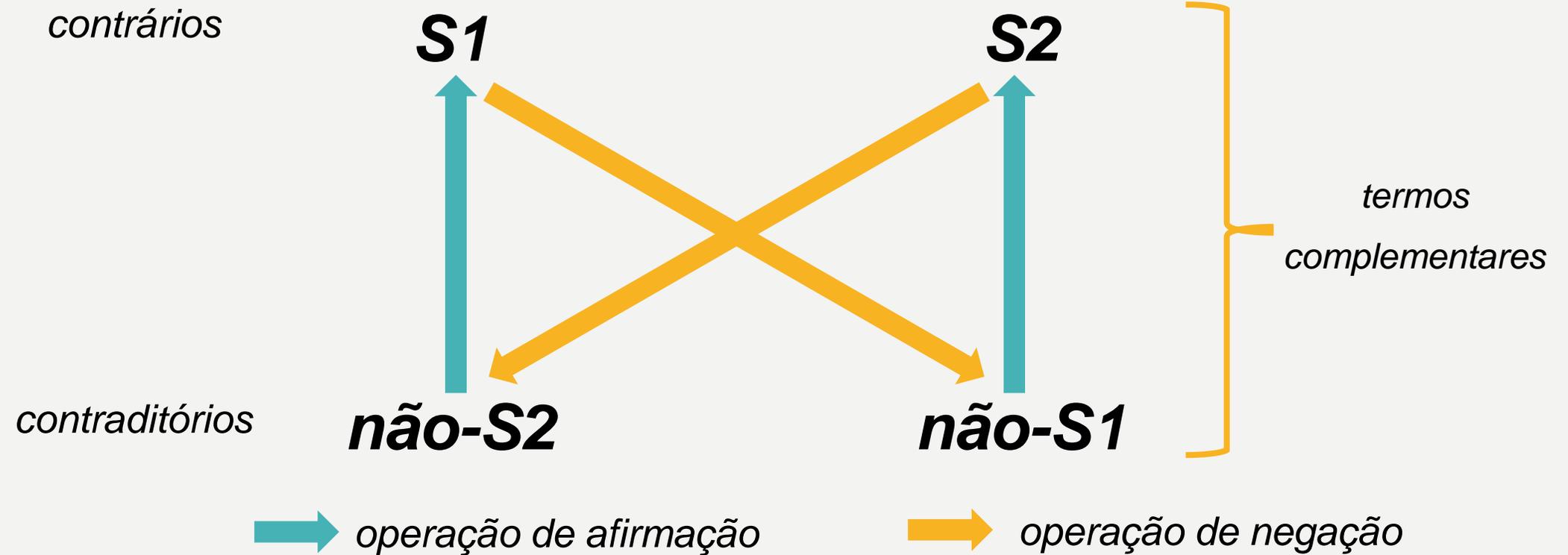
- determinados por relações sensoriais do indivíduo com os conteúdos e considerados *eufóricos* ou *disfóricos*
- negados ou afirmados por uma sintaxe elementar
- representados e visualizados por um modelo lógico de relações sob a forma de um ***quadrado semiótico***

O NÍVEL FUNDAMENTAL – O QUADRADO SEMIÓTICO

É uma sintaxe sumária que apreende em seus termos não só os estados narrativos, mas especialmente suas transformações.

Conta com operações de **negação** (termos contraditórios) e **afirmação** (termos contrários)

O NÍVEL FUNDAMENTAL – 0 QUADRADO SEMIÓTICO



O NÍVEL FUNDAMENTAL – A FORIA

É a força que transporta as categorias semânticas.

Euforia: valor positivo

Disforia: valor negativo

São qualificações semânticas, determinadas pelo que se mostra desejável ou indesejável, estando inseridas no texto.



O NÍVEL NARRATIVO

O NÍVEL NARRATIVO

Instauração dos *actantes* da narrativa: entidades que se definem como termos de uma relação que pode ser de junção ou transformação, sendo o actante funcional caracterizado pelo conjunto de papéis variáveis que assume em um percurso narrativo.

Sujeito (S)

Objeto (O)

Destinador (D^R) – destinador-manipulador e destinador-julgador

Destinatário (D^O) – destinatário-sujeito

O NÍVEL NARRATIVO

Introdução do sujeito (S) – operador das transformações narrativas

As cat. semânticas tornam-se valores do S e são “inseridas” nos objetos (O) com que S se relaciona

Determinações fóricas fundamentais convertem-se em modalizações (mudança das ações e modos de existência do S e suas relações com os valores)

O NÍVEL NARRATIVO

A modalização é a determinação que modifica a relação do sujeito com os valores e com o fazer

| | | |
|---------------------|--------|---------|
| Modalidades: | querer | dever |
| | saber | poder |
| | fazer | crer |
| | ser | parecer |

O NÍVEL NARRATIVO

S em busca de valores → inseridos nos O's (valores estes que podem ser **modais** ou **descritivos**)

O circula entre S's

Quando um S adquire um valor, outro S doa esse valor ou é dele privado → a narrativa se desdobra e se redefine como uma história de 2 sujeitos em busca dos mesmos valores.

O NÍVEL NARRATIVO

Organização canônica em:

manipulação → ação → sanção

ENUNCIADOS NARRATIVOS

Cada percurso (manipulação, ação e sanção) é constituído por unidades elementares mais simples

→ **enunciados narrativos**

São de dois tipos:

ENUNCIADOS NARRATIVOS

Enunciados de estado: S e O mantêm relações estáticas

$S \cup O \rightarrow$ sujeito em disjunção com objeto

ou $S \cap O \rightarrow$ sujeito em conjunção com objeto

Enunciados de transformação: a relação de S e O é dinâmica

ENUNCIADOS NARRATIVOS

A organização de pelo menos um enunciado de estado + um enunciado de transformação = ***programa narrativo*** (unidade funcional da narrativa)

Enunciados de transformação operam sobre enunciados de estado de \cap e \cup

NOTÍCIA – *VEJA* (24 DE MAIO DE 1995)

Vilamir Sonda chegava do trabalho para almoçar quando foi assaltado, no ano passado. **Dois bandidos quiseram levar seu relógio.** Parecia um Rolex, mas era imitação, avaliada em menos de 1000 dólares. **Vilamir não entregou o relógio. O assaltante tirou uma arma da cintura e disparou contra seu peito.** Ao reparar que um vizinho acompanhava a cena, um dos bandidos tentou matá-lo também. Não deu tempo. “Vamos cair fora”, gritou o comparsa que o esperava numa moto.

ENUNCIADOS NARRATIVOS

| Enunciado de conjunção | Enunciado de disjunção | Enunciado de transformação |
|--|---|--|
| S ¹ (Vilamir) em conjunção com O ¹ (relógio) | S ² (2 bandidos) em disjunção com O ¹ (relógio) | S ² (2 bandidos) procura transformar sua situação de disjunção com O ¹ (relógio) em uma situação de conjunção S ² (2 bandidos) procura transformar a relação de conjunção do S ¹ (Vilamir) com O ¹ (relógio) em uma relação de disjunção |
| S ¹ (Vilamir) em conjunção com O ² (vida) | S ¹ (Vilamir) em disjunção com O ² (vida) | S ² (2 bandidos) transforma a relação de conjunção do S ¹ (Vilamir) com O ² (vida) em uma relação de disjunção |

ENUNCIADOS NARRATIVOS

O S-transformador pode ser realizado pelo mesmo ator, ou por atores diferentes.

Os programas narrativos podem ser

- de aquisição (c/ \cap)
- de privação (c/ U)

Na notícia, há um desdobramento polêmico → 2 transformações ocorrem concomitantemente.

PERCURSO DA MANIPULAÇÃO

É uma ou mais transformações de estado, mas de tipo particular.

$D^R \rightarrow S$ operador

$D^O \rightarrow S$ dos estados sobre os quais o D^R age

PERCURSO DA MANIPULAÇÃO

D^R propõe um contrato ao D^O

Objetivo: transformar a competência do D^O e torná-lo S operador da transformação “final” de estado, que interessa ao D^R

D^R leva o D^O a **querer/dever fazer**, a **poder/saber fazer**

PERCURSO DA MANIPULAÇÃO

O D^R busca persuadir
o D^O que

→ é confiável (cumprirá a
sua parte no contrato)

→ os valores oferecidos são
desejáveis/temidos pelo D^O

PERCURSO DA MANIPULAÇÃO

A competência

É um estado em que os valores são **modais** → a intenção é transformar um estado de U em \cap com o **objeto de valor querer/dever fazer**

PERCURSO DA MANIPULAÇÃO

SEDUÇÃO → o D^R apresenta imagens positivas do D^O , da sua competência

Você, que é um menino tão bonito e forte, vai comer tudo, não é mesmo?

PERCURSO DA MANIPULAÇÃO

TENTAÇÃO → o D^R apresenta valores que ele acha que o D^O deseja

Se você comer tudo, você vai ganhar uma bicicleta no seu aniversário.

PERCURSO DA MANIPULAÇÃO

PROVOCAÇÃO

→ o D^R apresenta imagens negativas do D^O , da sua competência

Duvido que você seja capaz de limpar o prato. Você não é capaz, é muito pequeno ainda.

PERCURSO DA MANIPULAÇÃO

INTIMIDAÇÃO

→ o D^R apresenta valores que ele acha que o D^O quer evitar

Se você não comer tudo, vai ficar de castigo.

PERCURSO DA MANIPULAÇÃO

| | Destinador | Destinatário | |
|--------------------|-------------------|---------------------|------------------------|
| SEDUÇÃO | saber fazer | querer fazer | (elogio) |
| TENTAÇÃO | poder fazer | querer fazer | (oferta de recompensa) |
| PROVOCAÇÃO | saber fazer | dever fazer | (resposta a ofensa) |
| INTIMIDAÇÃO | poder fazer | dever fazer | (ameaça) |

A MORTE DA TARTARUGA (FERNANDES, 1975)

O menininho foi ao quintal e voltou chorando: a tartaruga tinha morrido. A mãe foi ao quintal com ele, mexeu na tartaruga com um pau (tinha nojo daquele bicho) e constatou que a tartaruga tinha morrido mesmo. Diante da confirmação da mãe, o garoto pôs-se a chorar ainda com mais força. A mãe a princípio ficou penalizada, mas logo começou a ficar aborrecida com o choro do menino. “Cuidado, senão você acorda o seu pai”. Mas o menino não se conformava. Pegou a tartaruga no colo e pôs-se a acariciar-lhe o casco duro. A mãe disse que comprava outra, mas ele respondeu que não queria, queria aquela, viva! A mãe lhe prometeu um carrinho, um velocípede, lhe prometeu uma surra, mas o pobre menino parecia estar mesmo profundamente abalado com a morte do seu animalzinho de estimação.

***A MORTE DA TARTARUGA* (FERNANDES, 1975) – A MANIPULAÇÃO**

O D^R (mãe) propõe um contrato para que o D^O (menino) seja levado ao **dever/querer fazer** (parar de chorar)

Ela vai buscar persuadi-lo de que

- 1) é confiável,
- 2) cumprirá sua parte no acordo e
- 3) está oferecendo valores que são desejáveis ou temíveis pelo menino

***A MORTE DA TARTARUGA* (FERNANDES, 1975) – A MANIPULAÇÃO**

Tentação (leva ao querer fazer):

A mãe disse que comprava outra

A mãe lhe prometeu um carrinho, um velocípede

Intimidação (leva ao dever fazer):

“Cuidado, senão você acorda o seu pai!”

[...] lhe prometeu uma surra

PERCURSO DA MANIPULAÇÃO

A manipulação é um

fazer crer



fazer fazer

(determina os valores
em jogo)

(responsável pelas
transformações e
sentidos da narrativa)

PERCURSO DA MANIPULAÇÃO

O D^o realiza também o **fazer interpretativo**

Julga a persuasão do D^R → acredita ou não no D^R (faz ou não a ação esperada)

PERCURSO DA MANIPULAÇÃO

O D^o deve assumir, sobre a confiabilidade do D^R e sobre os valores...

... Se ele parece e é → *VERDADE*

... Se ele parece, mas não é → *MENTIRA*

... Se não parece, mas é → *SEGREDO*

... Se não parece e não é → *FALSIDADE TOTAL*

***A MORTE DA TARTARUGA* (FERNANDES, 1975) – A MANIPULAÇÃO**

O D^O (menino), por sua vez, não aceita o contrato proposto pelo D^R (mãe)

Mas o menino não se conformava.

[...] ele respondeu que não queria, queria aquela, viva!

[...] mas o pobre menino parecia estar mesmo profundamente abalado com a morte do seu animalzinho de estimação.

PERCURSO DA AÇÃO

O D^0 cuja competência foi transformada pelo D^R , torna-se o S transformador do percurso da ação

Organiza-se em dois PN

→ performance

→ competência

PERCURSO DA AÇÃO

- Performance**
- transformação de um estado de U em um estado de \cap
 - operada por um S transformador que é realizado pelo mesmo ator do S que tem seu estado transformado
 - o valor do O : descritivo final (o último visado pelo S da narrativa)

PERCURSO DA AÇÃO

- Competência**
- é pressuposta pela performance
 - transformação de um estado de U em um estado de Ω , em que o D^O -sujeito recebe do D^R a qualificação necessária para a ação
 - o valor do O: modal (necessário para que o S obtenha, na performance, o valor descritivo final)

NOTÍCIA – *VEJA* (24 DE MAIO DE 1995)

Vilamir Sonda chegava do trabalho para almoçar quando foi assaltado, no ano passado. **Dois bandidos quiseram levar seu relógio.** Parecia um Rolex, mas era imitação, avaliada em menos de 1000 dólares. **Vilamir não entregou o relógio. O assaltante tirou uma arma da cintura e disparou contra seu peito.** Ao reparar que um vizinho acompanhava a cena, um dos bandidos tentou matá-lo também. Não deu tempo. “Vamos cair fora”, gritou o comparsa que o esperava numa moto.

PERCURSO DA AÇÃO

Na notícia da revista *Veja*

Pressuposição de competência

→ S¹ (sociedade) levou o S² (bandidos) a **querer** um artigo de luxo, O (relógio) e (fazer algo para obtê-lo, a **querer fazer**

→ S² tem a possibilidade de alterar seu estado de miséria, levando a **dever fazer** (roubar o relógio)

***A GALINHA* (HENRIQUEZ, BARDOTTI, BUARQUE, 1980, P. 41)**

Todo ovo
que eu choco
me toco
de novo.
Todo ovo
é a cara
é a clara
do vovô.
Mas fiquei
bloqueada
e agora
de noite

só sonho
gemada.
A escassa produção
alarma o patrão.
As galinhas sérias
jamais tiram férias.
“Estás velha, te perdoo
tu ficas na granja
em forma de canja”.
Ah!!!
É esse o meu troco
por anos de choco

dei-lhe uma bicada
e fugi, chocada
quero cantar
na ronda
na crista,
da onda
pois um bico a mais
só faz mais feliz
a grande gaiola
do meu país.

PERCURSO DA AÇÃO

Em *A Galinha*

Realização de 2 performances → 1º EN: botar e chocar ovos
(transformação do estado de disjunção com os ovos em um estado de conjunção)

→ 2º EN: cantar
(transformar o estado de disjunção com o O^V estético canção em um estado de conjunção)

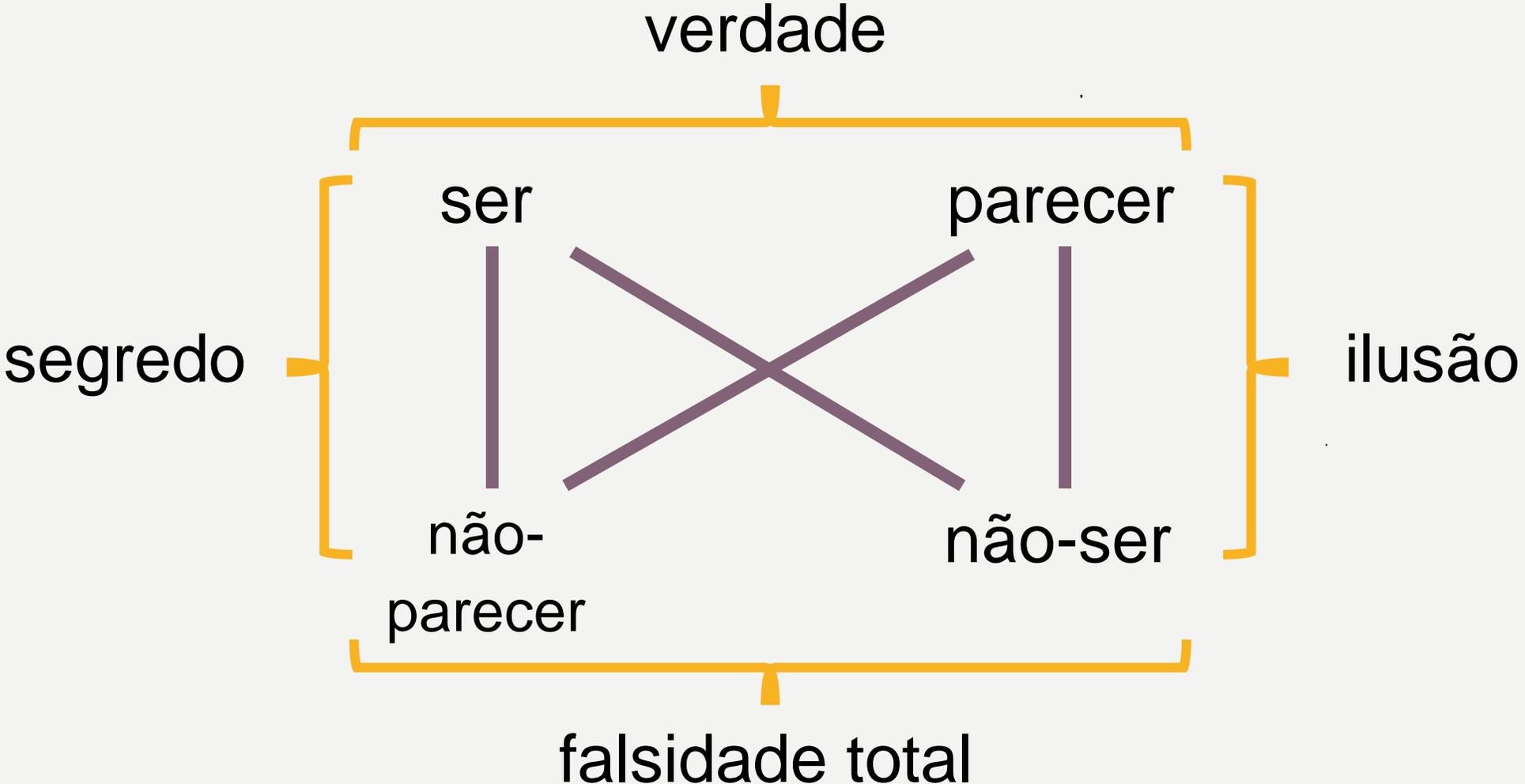
PERCURSO DA SANÇÃO

O destinador-julgador dará o reconhecimento ou não pelo cumprimento do acordo e a retribuição/punição respectiva.

Fazer interpretativo:

O D^R deve confrontar o seu **saber** a respeito do percurso do S-D^O com o critério de **verdade** decorrente dos acordos estabelecidos entre os actantes implicados.

SER E PARECER: MODALIDADES VERIDICTÓRIAS



PERCURSO DA SANÇÃO

Duas fases da sanção

- Cognitiva** → reconhecimento de que o S realizou a ação e cumpriu o acordo
- Retribuição** → é dada uma recompensa/punição

PERCURSO DA SANÇÃO

Propaganda Banco do Brasil (p. 200)

O vôlei do Brasil merece o nosso abraço.

Sanção cognitiva: a seleção brasileira de vôlei cumpriu o acordo → ganhar todas as partidas

Sanção da retribuição: por cumprir o acordo, merece uma recompensa → “o nosso abraço”, o carinho do país

PERCURSO DA SANÇÃO

- fazer persuasivo do S
 - em oposição ao fazer interpretativo
 - define a manipulação inicial (frustrada) entre D^R e D^O
 - o S busca trazer argumentos para **fazer** o D^R **crer** em suas boas intenções e dar uma sanção positiva

COM AÇÚCAR, COM AFETO (BUARQUE)

Com açúcar, com afeto

Fiz seu doce predileto

Pra você parar em casa.

Qual o quê

Com seu terno mais bonito

Você sai, não acredito

Quando diz que não se atrasa.

Você diz que é operário

Vai em busca do salário

Pra poder me sustentar.

Qual o quê

No caminho da oficina

Há um bar em cada esquina

Pra você comemorar

Sei lá o quê

Sei que alguém vai sentar junto

Você vai puxar assunto

Discutindo futebol

E ficar olhando as saias

De quem vive pelas praias

Coloridas pelo sol

Vem a noite e mais um copo

Sei que alegre ma non troppo

Você vai querer cantar

Na caixinha um novo amigo

Vai bater um samba antigo

Pra você lembrar

Quando a noite enfim lhe cansa

Você vem feito criança

Pra chorar o meu perdão

Qual o quê

Diz pra eu não ficar sentida

Diz que vai mudar de vida

Pra agradar meu coração

E ao lhe ver assim cansado

Maltrapilho e maltratado

Ainda quis me aborrecer

Qual o quê

Logo vou esquentar seu prato

Dou um beijo em seu retrato

E abro meus braços pra você

PERCURSO DA SANÇÃO – *COM* *AÇÚCAR, COM AFETO*

pra chorar o meu perdão

→ o ator denuncia seu papel de S-destinatário do julgamento

*diz pra eu não ficar sentida/
diz que vai mudar de vida/
pra agradar meu coração*

→ fazer persuasivo do S-destinatário

*logo vou esquentar seu prato/
[...] e abro meus braços pra você*

→ sanção positiva do D^R-jugador

COMPETÊNCIA E PAIXÃO

A competência do S para a ação é caracterizada por sua relação com os valores modais.

Modalização da ação do S

→ determinação/modificação dos enunciados de transformação pelas modalidades do *querer, dever, poder e saber*

COMPETÊNCIA E PAIXÃO

Sujeito virtual

→ o que **quer/deve fazer** algo para obter o O^V

Sujeito atualizado

→ o que **pode/sabe fazer** algo para obter o O^V

Sujeito realizado

→ o que realiza o **fazer** e adquire o O^V

COMPETÊNCIA E PAIXÃO

As relações de conjunção e disjunção com O^V s são também modalizadas.

COMPETÊNCIA E PAIXÃO

O^V desejável → querer ser

O^V temível → querer não-ser

O^V possível → poder ser

O^V evitável → poder não-ser

O^V conhecido → saber ser

O^V ignorado → saber não-ser

O^V proibido → dever não-ser

O^V impossível → não-poder
ser

O^V desconhecido → não-
saber ser

***BELO, BELO* (BANDEIRA, 1961)**

Belo belo minha bela
Tenho tudo que não quero
Não tenho nada que quero
Não quero óculos nem tosse
Nem obrigação de voto
Quero Quero
Quero a solidão dos píncaros
A água da fonte escondida

A rosa que floresceu
Sobre a escarpa inacessível
[...]
Quero dar a volta ao mundo
Só num navio de vela
Quero rever Pernambuco
Quero ver Bagdad e Cusco

***BELO, BELO* (BANDEIRA, 1961)**

Tenho tudo que não quero

Não tenho nada que quero

S em \cap com valores temíveis (querer não ser) ou indesejáveis (não querer ser) e em U com valores desejáveis (querer ser)

***BELO, BELO* (BANDEIRA, 1961)**

Não quero óculos nem tosse

Nem obrigação de voto

S em \cap com valores temíveis (querer não ser) ou indesejáveis (não querer ser) → valores obrigatórios (óculos, tosse, voto)

***BELO, BELO* (BANDEIRA, 1961)**

Quero a solidão dos píncaros

A água da fonte escondida

A rosa que floresceu

Sobre a escarpa inacessível

S em U com valores desejáveis (querer ser) → valores impossíveis (solidão dos píncaros, água da fonte, rosa que floresceu)

***BELO, BELO* (BANDEIRA, 1961)**

Quero dar a volta ao mundo

Só num navio de vela

Quero rever Pernambuco

Quero ver Bagdad e Cusco

**Modalização do fazer → S virtual → *quer fazer* algo
para obter o O^v, mas que *não sabe/não pode fazer***

PERCURSO PASSIONAL

Modula a organização narrativa

Organização das **modalidades** (**querer, poder, crer,** etc.) que produz efeitos de sentido de paixões na narrativa → amor, ódio, tristeza, confiança, etc.

PERCURSO PASSIONAL

A organização é determinada pela continuidade do percurso das paixões.

Paixões de objeto: pela aquisição ou não dos valores desejados

Paixões de confiança, decepção, dúvida, etc. **em relação a outros sujeitos**

***BELO, BELO* (BANDEIRA, 1961)**

Belo belo minha bela
Tenho tudo que não quero
Não tenho nada que quero
Não quero óculos nem tosse
Nem obrigação de voto
Quero Quero
Quero a solidão dos píncaros
A água da fonte escondida

A rosa que floresceu
Sobre a escarpa inacessível
[...]
Quero dar a volta ao mundo
Só num navio de vela
Quero rever Pernambuco
Quero ver Bagdad e Cusco

***BELO BELO* – PERCURSO PASSIONAL**

Belo belo → paixão da **frustração** (por não poder ter os valores desejados)

Percurso passional contínuo:
satisfação/alegria por acreditar poder ter os valores



insatisfação/frustração por não poder tê-los
(*Mas basta de lero lero / Vida noves fora zero*)

***A GALINHA* (HENRIQUEZ, BARDOTTI, BUARQUE, 1980, P. 41)**

Todo ovo
que eu choco
me toco
de novo.
Todo ovo
é a cara
é a clara
do vovô.
Mas fiquei
bloqueada
e agora
de noite

só sonho
gemada.
A escassa produção
alarma o patrão.
As galinhas sérias
jamais tiram férias.
“Estás velha, te perdoo
tu ficas na granja
em forma de canja”.
Ah!!!
É esse o meu troco
por anos de choco

dei-lhe uma bicada
e fugi, chocada
quero cantar
na ronda
na crista,
da onda
pois um bico a mais
só faz mais feliz
a grande gaiola
do meu país.

***A GALINHA* – PERCURSO PASSIONAL**

O texto mostra...

... a infelicidade da galinha com a rotina de botar e chocar ovos: *“Todo ovo que eu choco... Agora de noite só sonho gemada”*

... a decepção e revolta com o patrão: *“Ah!!! é esse o meu troco... dei-lhe uma bicada e fugi, chocada”*

... a esperança de felicidade e confiança: *“quero cantar...”*

COMPETÊNCIA E PAIXÃO

Propaganda Banco do Brasil (p. 200)

O vôlei do Brasil merece o nosso abraço.

Efeitos passionais: satisfação, confiança e amor

COMPETÊNCIA E PAIXÃO

S^1 (brasileiros e banco) \cap O^V (vitória) \rightarrow está realizado, satisfeito (quer ser, pode ser, sabe ser e é)

S^1 crê no S^2 (seleção) \rightarrow S^1 acredita que o S^2 porá o S^1 em conjunção com os valores desejados e isso realmente ocorre

S^1 quer fazer o bem (paixão benevolente do amor) ao S^2 \rightarrow que o fez confiante e satisfeito



O NÍVEL DISCURSIVO

TEMPO, ESPAÇO E PESSOA

Organização narrativa é temporalizada, espacializada e actorializada.

Os mecanismos de instauração de pessoas, espaços e tempos no enunciado são dois: a debreagem e a embreagem.

DISCURSIVIZAÇÃO DAS CATEGORIAS ENUNCIATIVAS

Mecanismos de instauração de pessoas, tempos e espaços no enunciado

- **Debreagem:** operação na qual se projetam *no enunciado* pessoa, tempo e espaço
- **Embreagem:** *neutralização* das categorias de pessoa e/ou tempo e/ou espaço

TEMPO, ESPAÇO E PESSOA

Dispositivo de debreagem → é a operação em que se projetam no enunciado a pessoa, o espaço e o tempo. Produz efeitos de sentido de aproximação ou afastamento da cena enunciativa.

Há, pois, uma **debreagem actancial** (= de pessoa), uma **espacial** e uma **temporal**.

DEBREAGEM

Debreagem enunciativa

- efeito de aproximação
- eu, tu
- agora = tempos do sistema enunciativo (presente, pretérito perfeito 1, futuro do presente)
- aqui (eu), aí (tu) – espaço ordenado em relação ao espaço da enunciação

DEBREAGEM

Debreagem enunciativa

- efeito de afastamento da cena enunciativa (eliminação das marcas de enunciação do texto)
- ele
- então = tempos do subsistema do pretérito (pretérito perfeito 2, pretérito imperfeito, pretérito mais que perfeito, futuro do pretérito) ou do futuro (presente do futuro, futuro anterior, futuro do futuro)
- lá (espaço não organizado em relação ao espaço da enunciação)

DEBREAGEM

*Não faço versos de guerra.
Não faço porque não sei.
Mas num torpedo suicida.
Darei de bom grado a vida.
Na luta em que não lutei.*

(BANDEIRA, 1961)

TR: *agora* (presente do indicativo, futuro do presente) – tempo da enunciação – organiza o passado e o futuro

1ª pessoa (*eu* enunciador)

Espaço: não explicitado (recupera-se o *aqui*)

Efeito de proximidade da enunciação = subjetividade, envolvimento

DEBREAGEM

Rubião fitava a enseada, – eram oito horas da manhã. Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do chambre, à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta.

(ASSIS, 1979)

TR: *então* (pretérito imperfeito do indicativo) – ação concomitante a um marco temporal pretérito instituído no texto (8h da manhã) – o tempo é organizado em relação ao tempo instituído no texto

3ª pessoa: *e/e* (Rubião) – participante do enunciado

Espaço: *lá* (“à janela...”)

Efeito de distanciamento da enunciação = objetividade, imparcialidade

DEBREAGEM

Resolvo-me a contar, depois de muita hesitação, casos passados há dez anos – e, antes de começar, digo os motivos porque silencieei e porque me decido.

(RAMOS, 1972)

TR: *agora* (presente do indicativo, pretérito perfeito 1) – tempo da enunciação

1ª pessoa (*eu* enunciador)

Efeito de proximidade da enunciação = subjetividade, envolvimento

DEBREAGEM

No último dia 12 de setembro, o ex-ministro do TCU (Tribunal de Contas da União), Olavo Drummond, participou em Brasília de um ato de comemoração do centenário do nascimento do ex-presidente Juscelino Kubitschek (1902-1976).

(Folha de S. Paulo, 01/10/02)

DEBREAGEM

TR: *então* (pretérito perfeito do indicativo) – instituído em “12 de setembro” – organiza a temporalidade (um *antes* e um *depois* do dia 12/09)

3ª pessoa: *ele* – “Olavo Drummond”, “ex-ministro do TCU”

Espaço: *lá* – espaço a partir do qual se organizam os espaços do discurso – o local das comemorações em Brasília

3 debreagens enuncivas: produz efeito de distanciamento da enunciação – objetividade, neutralidade

OUTROS TIPOS DE DEBREAGEM OPERADAS PELO ENUNCIADOR

Debreagem interna (ou de segundo grau) → dá a voz, internamente, a uma pessoa do enunciado. São responsáveis pela produção de simulacros de diálogos nos textos, pois estabelecem interlocutores.

Ela cria a unidade discursiva chamada de **discurso direto** e cria um **efeito de sentido de verdade**, a ilusão de “ouvir o outro”.

DEBREAGEM INTERNA: EXEMPLO 1

João disse:

– Não tenho intenção de pagar o aluguel escorchantemente desta casa.

- O narrador dá voz a uma pessoa do enunciado (*ele* = João)
- O *ele* (João) faz uma debreagem enunciativa, instaurando um *eu*, um *aqui* e um *agora*

DEBREAGEM INTERNA: EXEMPLO 2

Marilda retrucou:

– Mas André não estava na cidade naquela época!

- O narrador dá voz a uma pessoa do enunciado (*e/e* = Marilda)
- O *e/e* (Marilda) faz uma debreagem enunciativa, instaurando um *ele* (André), um *lá* (na cidade) e um *então* (naquela época)

DEBREAGEM INTERNA: EXEMPLO 3

Aí asseverei:

– *Em breve, estarei longe daqui.*

→ O *eu* inscreve, por meio de uma de uma debreagem enunciativa, um *eu*, um *agora* (estarei) e um *aqui*

DEBREAGEM INTERNA: EXEMPLO 4

Ouvindo aquelas críticas, retorqui:

– Naquela ocasião, ele pensou que estivesse fazendo a coisa certa.

→ O *eu* inscreve, por meio de uma de uma debreagem enunciativa, um *ele* e um *então* (naquela ocasião)

OUTROS TIPOS DE DEBREAGEM OPERADAS PELO ENUNCIADOR

Debreagem paralela ou alternada → o discurso alterna debreagens enunciativas e enuncivas

Todo ovo que eu choco (1ª pessoa)

A escassa produção alarma o patrão (3ª pessoa)

As galinhas sérias jamais tiram férias (3ª pessoa)

TEMPO, ESPAÇO E PESSOA

Embreagem → são neutralizadas as categorias de pessoa, ou espaço, ou tempo. Toda embreagem pressupõe uma operação de debreagem que lhe é logicamente anterior. **A embreagem é utilizada para criar efeitos de sentido.**

R o c a m b o l i s m o

ORA, CARO CHARGISTA,
TUDO O QUE DIZEM SOBRE O
MALUF SÃO MENTIRAS, NADA
MAIS DO QUE MENTIRAS!

MENTIRAS?



MAS, SE PROVAREM O
CONTRARIO?

NESSÉ CASO,
SÓ TEM
UMA SAÍDA!



GOZADO! O SENHOR FALA
COMO SE O MALUF FOSSE
OUTRA PESSOA!



CLARO! O MALUF NÃO TEM
CONTA EM JERSEY, NÃO
TELEFONOU PARA PARAI-
SO FISCAL E NÃO TEM
EMPRESAS FORA DO PAÍS!

NÃO?



VOTEM MALUF PARA
GOVERNADOR!!

POR
QUÊ?



POR QUE ISSO, SE O
SENHOR É O MALUF?

SABE-SE LÁ,
MEU RAPAZ!



O MALUF NUNCA ENVIOU
UM NÍQUEL SEQUER PARA O
EXTERIOR, QUANTO MAIS
MILHÕES, BILHÕES...

NUNCA?



PORQUE, COM O MALUF
NO PODER, A SAFADÉZA VAI
ACABAR. SÓ ELE É CAPAZ
DE IR LÁ E TRAZER TODO
O DINHEIRO DE VOLTA AOS
COFRES PÚBLICOS!!



VAI QUE O
CARA É
CULPADO!



ANGEL!

EMBREAGEM

→ **Embreagem actancial**: formalmente, há debreagem enunciativa (“*O Maluf não tem conta em Jersey...*”).

Porém, o **ele** significa **eu**. Assim, produz-se um texto em primeira pessoa (“*Eu não tenho conta em Jersey*”), mas projeta-se sobre a 1ª pessoa a 3ª pessoa, “*O Maluf*”

EMBREAGEM

O presidente da República declara que estão iniciados os Jogos Olímpicos.

→ **Embreagem actancial**: o **ele** (o presidente da República) significa **eu**. Cria efeito de **objetividade**, em que se ressalta um papel institucional e não uma subjetividade.

EMBREAGEM

Você lá, que está fazendo no meu quintal?

→ **Embreagem espacial**: **lá** com o efeito de **aí**; cria **efeito de distância dos participantes da enunciação**, com a pessoa que participa da enunciação (você/tu) é colocada fora da cena enunciativa

EMBREAGEM

*O Diego passou na prova, **esse aí** é ligeiro.*

→ **Embreagem espacial**: **esse**, **aí** – marcadores de 2ª pessoa, usados no lugar do marcador de 3ª pessoa, para aproximar a pessoa da cena enunciativa (demonstração de apreço)

***PROFUNDAMENTE* (BANDEIRA, 1983, P. 217-218)**

Quando ontem adormeci
Na noite de São João
Havia alegria e rumor
Estrondos de bombas luzes de
Bengala
Vozes cantigas e risos
Ao pé das fogueiras acesas.

No meio da noite despertei
Não ouvi mais vozes nem risos
Apenas balões
Passavam errantes
Silenciosamente
Apenas de vez em quando
O ruído de um bonde
Cortava o silêncio

Como um túnel.
Onde estavam os que há pouco
Dançavam
Cantavam
E riam
Ao pé das fogueiras acesas?

– Estavam todos dormindo
Estavam todos deitados
Dormindo
Profundamente

Quando eu tinha seis anos
Não pude ver o fim da festa de
São João

Porque adormeci

Hoje não ouço mais as vozes
daquele tempo
Minha avó
Meu avô
Totônio Rodrigues
Tomásia
Rosa
Onde estão todos eles?

– Estão todos dormindo
Estão todos deitados
Dormindo
Profundamente

EMBREAGEM

Poema *Profundamente* (BANDEIRA, 1983)

Quando ontem adormeci

Na noite de São João

[...]

Quando eu tinha seis anos

Não pude ver o fim da festa de São João

EMBREAGEM

→ Embreagem temporal: ontem (tempo enunciativo na primeira parte do poema) corresponde a **quando eu tinha seis anos** (“naquele tempo”, tempo enuncivo).
Cria o efeito de presentificação do passado.

EMBREAGEM

No dia 7 de setembro de 1822, D. Pedro proclama a Independência.

→ **Embreagem temporal**: se usa o **presente** no lugar do **pretérito perfeito 2**. Cria o efeito de **aproximação do evento com o momento da enunciação** para, de certa forma, “reviver” os fatos.

TEMATIZAÇÃO E FIGURATIVIZAÇÃO

Tematização → procedimento semântico do discurso que consiste na formulação abstrata dos valores narrativos e na sua disseminação em percursos, por meio da recorrência de traços semânticos

Figurativização → os traços semânticos abstratos dos temas são “recobertos” por traços semânticos mais “concretos” – que remetem ao mundo natural e sensorial – dando efeito de concretização sensorial

***AGULHAS* (MELO NETO, 1975)**

Nas praias do Nordeste, tudo padece com a **ponta** de **finíssimas** agulhas: primeiro, com a das **agulhas da luz** (**ácidas** para os olhos e a carne nua), fundidas nesse **metal azulado** e **duro**, do céu dali, fundido em **duralumínio** e **amoladas** na pedra de um **mar duro**, de **brilho peixe** também **duro**, de **zinco**. Depois, com a **ponta das agulhas** do ar, vaporizadas no alíseo do mar **cítrico**, desinfetante, **fumigando** agulhas tais que lavam a areia do lixo e do vivo.

TEMATIZAÇÃO E FIGURATIVIZAÇÃO: *AGULHAS*

Discurso temático e figurativo → traços semânticos abstratos dos temas, reiterados nos traços semânticos das figuras, criando uma ou mais isotopias

Tema → a vida sofrida do nordestino

TEMATIZAÇÃO E FIGURATIVIZAÇÃO: *AGULHAS*

Percurso temático do sofrimento e da dificuldade

→ padece, ácidas para os olhos, carne nua, amoladas, fumigando, desinfetante, lavam do vivo, metal duro, mar duro, peixe duro, mar cítrico, etc.

TEMATIZAÇÃO E FIGURATIVIZAÇÃO: *AGULHAS*

Percurso figurativo → praia, sol, mar, peixe, vento, areia

Uso de diferentes ordens sensoriais: tátil, visual, gustativa.

O sofrimento e as dificuldades são figurativizados pelos traços semânticos sensoriais:

TEMATIZAÇÃO E FIGURATIVIZAÇÃO: *AGULHAS*

Tátil

Pontiagudo, fino, que fura → finíssimas agulhas, ponta, amoladas

Duro → metal duro, duralumínio, mar duro, peixe duro

TEMATIZAÇÃO E FIGURATIVIZAÇÃO: *AGULHAS*

Gustativo

Ácido, que queima, que “pica” → ácidas, cítrico, fumigando

Visual

Brilhante, ofuscante, que fere a vista → agulhas da luz, ácidas para os olhos, metal azulado, duralumínio, brilho peixe, zinco

TEMATIZAÇÃO E FIGURATIVIZAÇÃO: *AGULHAS*

A mistura de ordens sensoriais (pontiagudo, ácido, ofuscante) cria o efeito de sinestesia → o tato ofusca e é ácido, a visão é dura, o gosto queima e pica

***O SAMBA DO EDUCADOR DOIDO* (EDITORIAL JORNAL DA TARDE, 1990)**

Uma prova inequívoca de que as associações **encasteladas** no Estado brasileiro continuam marchando **na contramão** da História acaba de ser dada pela Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior , que controla o dia a dia de nossas universidades federais: na mesma semana em que o Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética está aceitando o fim do monopólio do seu poder e a adoção de um sistema multipartidário, **sepultando** concepções totalitárias e valores anacrônicos, essa entidade está distribuindo aos professores universitários do país um jornal no qual defende exatamente aquilo que os soviéticos estão **enterrando** com enorme atraso.

TEMATIZAÇÃO E FIGURATIVIZAÇÃO: *O SAMBA DO EDUCADOR DOIDO*

Se trata de um discurso temático → a coerência semântica é dada apenas pela reiteração do tema

Tema → atraso, conservadorismo

É concretizado por figuras ocasionais, esparsas → encasteladas, na contramão, sepultando, enterrando

TEMATIZAÇÃO E FIGURATIVIZAÇÃO

Há graus diferentes de figurativização

- Etapa da iconização** → produz efeitos de realidade e referente
- ex: pintura figurativa, fotografia
 - reconhecemos as figuras do mundo, cria efeito de “cópia do real”

TEMATIZAÇÃO E FIGURATIVIZAÇÃO

Nos textos

- ancoragem do tempo: dia, mês, ano, hora
- ancoragem do espaço: local, endereço
- ancoragem de pessoa: nomes próprios, idade, profissão

Criam o efeito de “realidade” e credibilidade

No último dia 12 de setembro, o ex-ministro do TCU (Tribunal de Contas da União), Olavo Drummond, participou em Brasília de um ato de comemoração do centenário do nascimento do ex-presidente Juscelino Kubitschek (1902-1976).

(Folha de S. Paulo, 01/10/02)

TEMATIZAÇÃO E FIGURATIVIZAÇÃO

No último dia 12 de setembro → ancoragem do tempo

*o ex-ministro do TCU (Tribunal de Contas da União),
Olavo Drummond* → ancoragem de pessoa

participou em Brasília → ancoragem do espaço

ISOTOPIA

O que dá coerência semântica a um texto e o que faz dele uma unidade é a reiteração, a redundância, a repetição, a recorrência de traços semânticos ao longo do discurso. Esse fenômeno recebe o nome de **isotopia**. [...] Em análise do discurso, isotopia é a recorrência de um dado semântico ao longo de um texto. Para o leitor, a isotopia oferece um plano de leitura, determina um modo de ler o texto. (FIORIN, 2009, p. 112-3)

TEMATIZAÇÃO E FIGURATIVIZAÇÃO

Textos podem ter uma isotopia ou ser pluri-isotópicos

Texto com uma isotopia: *Com açúcar, com afeto*

Textos pluri-isotópico: *A Galinha*

TEMATIZAÇÃO E FIGURATIVIZAÇÃO

Percebem-se as isotopias quando os textos rompem as leituras

TEMATIZAÇÃO E FIGURATIVIZAÇÃO

Conectores de isotopias: são elementos que podem ser lidos simultaneamente em dois ou mais planos isotópicos

*Relógio que **atrasa**, não **adianta**.*

*O Brasil vai ficar muito mais **legal** se você responder corretamente ao **Censo**.*

TEMATIZAÇÃO E FIGURATIVIZAÇÃO

Desencadeadores de isotopias: são palavras e impressões que não se integram à leitura já estabelecida, propõem um novo plano isotópico

TEMATIZAÇÃO E FIGURATIVIZAÇÃO

ALINE - Adão Iturrusgarai





ALÉM DO PERCURSO GERATIVO

Semiótica

- distingue texto e discurso
- **discurso**: pertence ao Plano de Conteúdo
- **texto**: possui o Conteúdo (do discurso) e a Expressão
- a expressão também se organiza por um percurso

PLANO DE EXPRESSÃO E PLANO DE CONTEÚDO

In: Introdução à Linguística I: “Teoria dos Signos”, p. 58-60

Segundo Hjelmslev, o signo é a união de dois planos de linguagem: um **Plano de Expressão** e um **Plano de Conteúdo**, que mantêm entre si uma relação de pressuposição recíproca

Expressão: suporta ou expressa o conteúdo

Conteúdo: é veiculado pelo plano da expressão

O SEMISSIMBOLISMO

O Plano de Expressão (PE) expressa o Plano de Conteúdo (PC) e cria relações com ele

Relações semissimbólicas → estabelecidas entre PE e PC e os sentidos e simbolizações delas decorrentes

***NO MEIO DO CAMINHO* (ANDRADE, 1983)**

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse
acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.

Nunca me esquecerei que no meio do
caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

NO MEIO DO CAMINHO – ANÁLISE RETIRADA DE *O DISCURSO DA POESIA CONCRETA* (PIETROFORTE, 2011)

PC → “pedra” vs. “caminho”

→ descontinuidade vs. continuidade

PE → /'pɛdrɐ/ vs. /ka'miɲu/

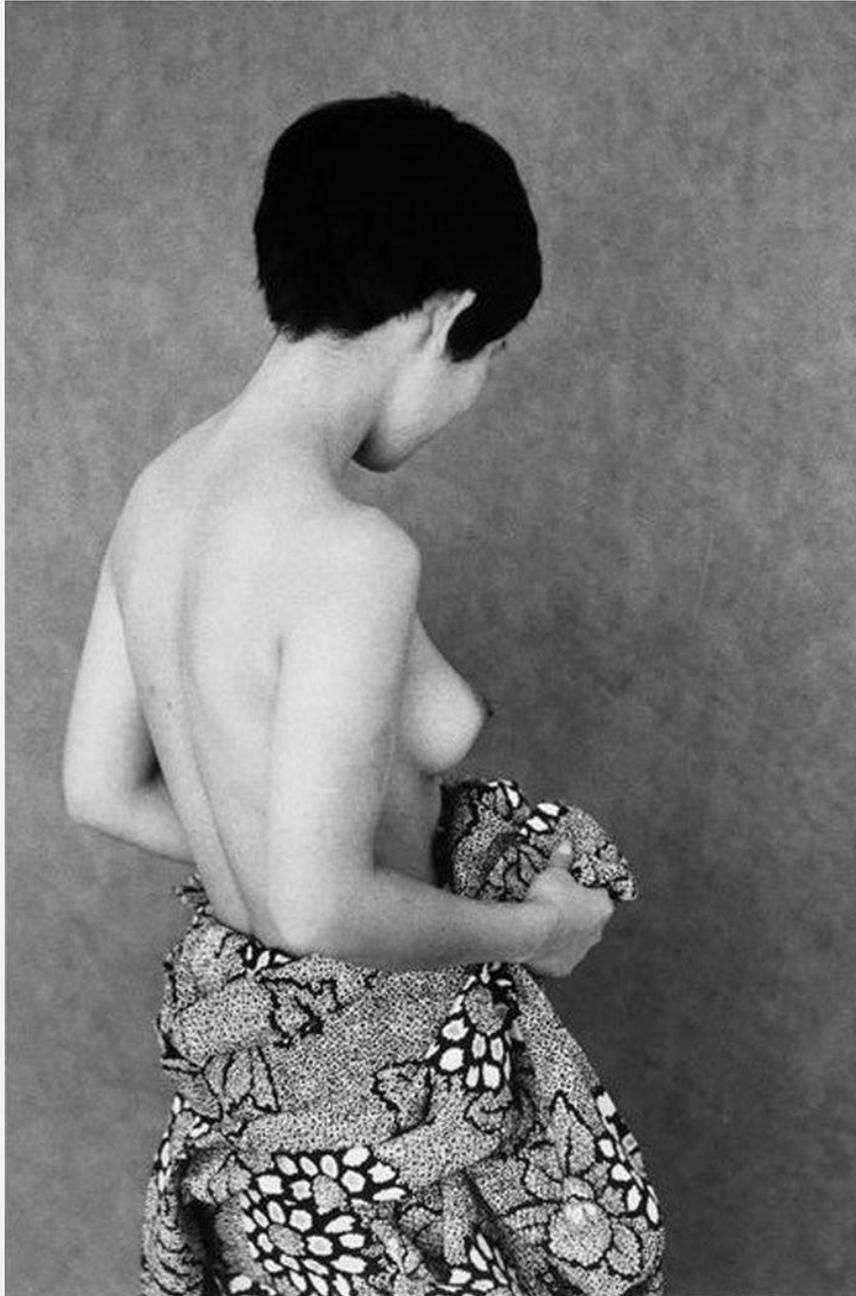
→ oral, oclusiva vs. nasal

Relação semissimbólica → oral, oclusiva: descontinuidade

→ nasal: continuidade

O SEMISSIMBOLISMO

Em *Petites mythologies de l'oeil et de l'esprit* (1985), Jean-Marie Floch propõe a compreensão de relações entre o plano da expressão e o plano do conteúdo através de uma lexicalização da dimensão figurativa dentro dos formatos, cores e posições dos elementos plásticos. Isso permite perceber oposições de valores e texturas e o seu papel na criação de efeitos de sentido.



***NU DE BOUBAT – ANÁLISE
RETIRADA DE *PETITES
MYTHOLOGIES DE L'OEIL ET DE
L'ESPRIT* (FLOCH, 1985)***

PE achatado vs. volumoso

PC cultura vs. natureza

Fundo neutro = não-achatado e não-
volumoso

A BOLA ROLA SOLTA NA CADEIA – ANÁLISE RETIRADA DE SEMIÓTICA VISUAL – OS PERCURSOS DO OLHAR (PIETROFORTE, 2014)



PC liberdade vs. opressão

Fotografia

PE inferior vs. superior

PE multiforme vs. uniforme

Título (dimensão fonológica)

“A bola rola solta” / “na cadeia”

PE vogal posterior vs. vogal anterior

Título (dimensão plástica)

A bola rola solta na **cadeia**

PE menor vs. maior

PE “incolor” vs. colorido

AS RELAÇÕES SÓCIO-HISTÓRICAS

Podem ser feitas...

- pela análise da organização linguístico-discursiva dos textos
- pelo exame das relações intertextuais e interdiscursivas que os textos mantêm com os textos com que dialogam

AS RELAÇÕES SÓCIO-HISTÓRICAS

A análise de um texto só se dá quando...

- podem ser feitos recortes no contexto sócio-histórico: considerar diálogo com alguns textos
- a análise nunca é a única possível
- não há infinitas possibilidades de diálogo e, portanto, de uma leitura do texto

DICAS DE LEITURA

Diana Luz P. de Barros – *Teoria Semiótica do Texto*

José Luiz Fiorin – *Elementos da Análise do Discurso*

Antonio Vicente S. Pietroforte – *Semiótica Visual: os Percursos do Olhar*